

HOMEM DE LETRAS, INTELECTUAL, LÍDER

Homme de Lettres, ou, em uma designação menos sexista, *Gens de Lettres*, foi a expressão que, nos séculos XVII e XVIII, os franceses cunharam para dar conta da ação dos estudiosos da literatura, da cultura e das ciências que podiam servir ao Estado, mas que não necessariamente se envolviam em política fora dos quadros de preferência acadêmicos. No Brasil do século XIX e da primeira metade do século XX, o termo poderia incorporar pensadores e intelectuais, os quais, formados sobretudo em Ciências Jurídicas ou em Filosofia, atuavam na imprensa e lecionavam no ensino superior, que dava seus primeiros passos em nosso país.

A expansão do ensino universitário e o estabelecimento de uma política de fomento à pós-graduação e à pesquisa subverteram em parte o conceito tradicional de *Gens de Lettres*: substituíram o arcabouço universalista e não especializado pela *expertise* e pela necessidade do compromisso com a formação de recursos humanos, que convertem o apreciador da literatura em docente, orientador e pesquisador, cuja visibilidade se traduz em publicações científicas, qualificadas por avaliações contínuas.

José Luís Jobim preenche com naturalidade o novo desenho do professor, intelectual e pesquisador brasileiro. Graduou-se e doutorou-se em Letras, completando sua formação com estágio pós-doutoral nos Estados Unidos. Leciona em duas das mais importantes universidades brasileiras, a Estadual do Rio de Janeiro e a Federal Fluminense. É pesquisador reconhecido, de que dão testemunhos bolsas concedidas por agências federais, como o CNPq, e estaduais, como a FAPERJ. Presta consultoria a órgãos de fomento e avaliação, como CAPES, INEP e FAPESP, além dos mencionados CNPq e FAPERJ.

Esse retrato, contudo, não esgota a apresentação do *homem de Letras* que é José Luís Jobim, acrescentando-se ao desenho outro fator essencial, capaz de especificar o que é contemporaneamente pertencer ao mundo da literatura e da cultura: significa escolher participar da elaboração de políticas públicas para o campo intelectual a que a pessoa se vincula, abrindo mão da posição contemplativa com que muitas vezes se representa o pesquisador.

José Luís Jobim, que presidiu a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) e colaborou com a diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), ilustra bem o perfil da “gente de Letras” de nossos dias. E o fez com grande

competência, haja vista seu permanente comprometimento com as duas principais associações da área de Letras em nosso país.

Outro fato essencial que particulariza a ação do intelectual em nosso tempo decorre do alcance e impacto das pesquisas realizadas. Vocacionado para o estudo teórico da literatura, José Luís Jobim dedicou-se primeiramente à reflexão sobre os fundamentos da Ciência da Literatura. No começo dos anos 1990, organizou uma coletânea fundamental para os estudos literários nacionais, **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura**, em que sistematiza, com o apoio dos autores que participam da obra, as noções básicas das Teorias Literárias vigentes no século XX. **A poética do fundamento: ensaios de teoria e história da literatura**, de 1996, **Introdução aos termos literários**, de 1999, e **Formas da Teoria – sentidos, conceitos e campos de força nos estudos literários**, de 2002, são livros que levam adiante o empenho por construir uma Teoria da Literatura apoiada na experiência brasileira, sem perder de vista a contribuição internacional.

O conhecimento teórico levou o pesquisador a investigar as consequências históricas de conceitos básicos. Assim, voltou-se à discussão de um tema recorrente na tradição brasileira – o “nacionalismo”, matéria de discussões que, oriundas do século XIX, persistem no século XXI, endossando-o ou opondo-o a noções como as de globalização. Evitando a polarização contraproducente, o pesquisador propõe uma reflexão sobre o trânsito entre culturas e espaços distintos, passagem que faculta resistir às teses, hoje descartadas, relativas à “influência” ou à “dependência” de uma sociedade ou civilização sobre outra.

O exame do que o pesquisador denomina “trocas e transferências literárias e culturais” permite retomar termos da Teoria da Literatura que não apenas conceituam, mas que avaliam produções artísticas, como imitação ou originalidade, autonomia ou sujeição, facultando, ainda, perguntar pelo lugar do Brasil e da América Latina na elaboração de um pensamento que extravase fronteiras geográficas e intelectuais. Os resultados dessas propostas medem-se em livros publicados nos últimos anos, como **Trocas e transferências culturais: escritores e intelectuais nas Américas**, de 2008, lançado em 2009 na Inglaterra, com o título **Cultural Transfers and Exchanges: From National to Transnational Blocks**, e **Literatura e cultura: do nacional ao transnacional**, de 2013.

Cabe mencionar duas outras linhas de investigação abrigadas pela ação intelectual e liderança de José Luís Jobim: em meados dos anos 1990, capitaneou pesquisa sobre a biblioteca de Machado de Assis, instigado pelo ensaio pioneiro de Jean Michel Massa dedicado ao tema. Desse trabalho

coletivo resultou a obra de referência fundamental, **A biblioteca de Machado de Assis**, impressa em 2001. Se, diante de Machado de Assis, Jobim buscou atar as pontas entre o passado das leituras do Bruxo do Cosme Velho e o que resta desse universo de livros, diante da pós-modernidade, ele não deixou de se posicionar quanto às modificações dos suportes que conduzem a produção literária a novas alternativas, objeto de **Literatura e informática**, de 2005.

Permanentemente dinâmico diante dos novos desafios, José Luís Jobim sumaria a “gente de Letras” do novo século, e todos que participamos desse universo sentimo-nos muito orgulhosos de tê-lo como companheiro e líder nessa jornada.

Regina Zilberman
(UFRGS/CNPq)